

# VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 19

**AIL** Associação Internacional  
de Lusitanistas  
A associação internacional de estudos lusófonos

SANTIAGO DE COMPOSTELA  
2013

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos directivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Directivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceites polo Conselho Directivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

### **Conselho Directivo**

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela  
[eliasjose.torres@usc.es](mailto:eliasjose.torres@usc.es)

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra  
[cristinacordeiro@hotmail.com](mailto:cristinacordeiro@hotmail.com)

2.ª Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS  
[regina.zilberman@gmail.com](mailto:regina.zilberman@gmail.com)

Secretário-Geral: Roberto López-Iglésias Samartim, Univ. da Corunha,  
[rlopez-iglesias@udc.es](mailto:rlopez-iglesias@udc.es)

Vogais: Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. de Roma «La Sapienza»); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Laura Cavalcante Padiha (Univ. Fed. Fluminense); Manuel Brito Semedo (Univ. de Cabo Verde); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Pál Ferenc (Univ. ELTE de Budapeste); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

### **Conselho Fiscal**

Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Roberto Vecchi (Univ. Bolonha).

Associe-se pela *homepage* da  
AIL: [www.lusitanistasail.org](http://www.lusitanistasail.org)  
Informações pelos *e-mails*: [secretaria@lusitanistasail.net](mailto:secretaria@lusitanistasail.net)

# Veredas

## Revista de publicação semestral

Volume 19 – Junho de 2013

***Diretor:***

Elias J. Torres Feijó

***Editora:***

Raquel Bello Vázquez

***Conselho Redatorial:***

Andrés José Pociña Lopez, Anna Maria Kalewska, Axel Schönberger, Clara Rowland, Cleonice Berardinelli, Helder Macedo, Maria Luísa Malato Borralho, Sebastião Tavares Pinho, Sérgio Nazar David, Ulisses Infante, Vera Lucia de Oliveira. Por inerência: Benjamin Abdala Junior, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helena Rebelo, Laura Cavalcante Padilha, Manuel Brito Semedo, Onésimo Teotónio de Almeida, Pál Ferenc, Petar Petrov, Regina Zilberman, Roberto López-Iglésias Samartim, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

***Redação:***

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereços eletrônicos: veredas@lusitanistasail.net; revista.veredas@gmail.com

Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

***Impressão e acabamento:***

Campus na nube, Santiago de Compostela, Galiza

ISSN 0874-5102



## SUMÁRIO

Nota introdutória.....	7
BARBARA GORI	
Antero de Quental e o (des)encanto com o naturalismo metafísico alemão.....	9
CLAUDETE DAFLON	
Uma proposta de reflexão: literatura e ciência entre luso-brasileiros setecentistas.....	25
FILIPA MEDEIROS	
«Cantando espalharei por toda a parte» Estratégias de <i>marketing</i> político no Barroco: os emblemas fúnebres em honra da rainha D. Maria Sofia Isabel.....	49
MARIA APARECIDA RIBEIRO	
Moema, um episódio romântico no Barroco brasileiro e suas projeções até os nossos dias.....	71
MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA	
D. Francisco Manuel de Melo, autor e ator da «comédia do tempo».....	93
MARIA TERESA NASCIMENTO	
A devoção mariana no diálogo português do Barroco.....	137
REGINA ZILBERMAN	
O <i>Resumo de História Literária</i> , de Ferdinand Denis: história da literatura enquanto campo de investigação.....	149
ROLF KEMMLER	
Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latino-portuguesa nos séculos XV a XIX.....	173
SARA AUGUSTO	
<i>Ut pictura fictio</i> . Ficção romanesca do maneirismo e do barroco.....	205
SOCORRO DE FÁTIMA P. BARBOSA	
A introdução às <i>Cartas Chilenas</i> ou <i>Epístola a Critilo</i> e a murmuração da corte no primeiro reinado.....	229



## Nota introdutória

O presente número da revista *Veredas* é um monográfico dedicado aos estudos devotados a um dos períodos menos atendidos dentro dos estudos lusófonos, o que decorre entre a morte de Luís de Camões e o início do Romantismo.

Em 2012, a Associação Internacional de Lusitanistas, ciente da lacuna que afetava ao referido período, convocou especialistas em diferentes áreas da produção cultural dos séculos XVII e XVIII a participarem num colóquio em Budapeste. Pedia-se a apresentação de trabalhos arriscados, pesquisas em andamento, hipóteses ainda em fase de comprovação. Após o colóquio, com interessantes e intensos debates, foi oferecido às pessoas participantes elaborarem as suas comunicações como artigos e submetê-los a publicação na revista *Veredas*.

Os textos foram submetidos à revista e avaliados pelo sistema convencional de duplo cego. Parte deles são agora aqui recolhidos, outros serão publicados em próximos números da revista. Todos eles beneficiaram de um elevado grau de elaboração, e a prova disto é que frente a um índice de aprovação média que não alcança 50% dos originais submetidos à *Veredas*, nesta ocasião a percentagem de aprovação de trabalhos superou 70%. O resultado, é um volume em que aspectos pouco tratados nos estudos lusófonos são estudados com uma elevada qualidade científica, oferecendo não apenas resultados novos e inovadores, mas também novos trilhos pelos quais a pesquisa poderá ser desenvolvida nos próximos anos.

Raquel Bello Vázquez

Editora





# **Uma proposta de reflexão: literatura e ciência entre luso- brasileiros setecentistas**

CLAUDETE DAFLON

Universidade Federal Fluminense (UFF)

## **RESUMO**

A discussão contemporânea sobre as relações entre literatura e ciência propõe novos caminhos de reflexão e abre possibilidades renovadas de estudo, uma vez que a crítica ao realismo científico permite a desmistificação de diferenças e distinções tomadas como certas e coloca o conhecimento científico como historicamente condicionado. Além disso, as aproximações e diferenciações estabelecidas entre ciência e literatura possibilitam compreender como uma e outra se relacionam às questões da sociedade em diferentes momentos históricos e, por vezes, participam dos mesmos projetos, ainda que de maneira distinta. Sem dúvida, o debate que vem sendo realizado por estudiosos da literatura, da ciência, da história e da filosofia permite compreender que uma abordagem dessa ordem representa um acesso importante às questões socioculturais da época. Ou seja, na medida em que as relações entre literatura e ciência favoreceriam o entendimento sobre o papel que uma e outra vão assumindo, propõe-se considerar como esse debate pode ser um viés profícuo para estudo da atuação de poetas luso-brasileiros do século XVIII como Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814). Para tanto, a produção poética constituirá o foco documental da pesquisa que visa à reflexão teórica sobre a poesia como meio para o entendimento público da ciência em Brasil e Portugal. Diante disso, a obra literária de Silva Alvarenga representa um primeiro momento do processo de investigação. De todo modo, está implicada, nesse debate, a condição de ilustrados que atribuíam relevância ao conhecimento científico enten-

dido como passaporte obrigatório para o desenvolvimento socioeconômico. Diante da visão que o homem setecentista tinha sobre a atuação como poeta e a sua relação com a ciência, é preciso, porém, aferir em que medida, quando na Europa a ciência já buscava descolar-se da literatura, a poesia, no contexto luso-brasileiro, se constituía aliada do desenvolvimento científico, no que pese a ambiguidade da aproximação de discursos que pareciam se encaminhar para fins distintos. Nesse sentido, a necessidade de difundir a ciência moderna e certificar sua relevância numa sociedade que oferecia evidentes obstáculos a seu desenvolvimento passaria, obrigatoriamente, por uma atitude pedagógica identificada à escrita poética.

**Palavras chave:** Ciência; Literatura; Luzes; Escritor Luso-Brasileiro; Século XVIII.

#### **ABSTRACT**

The contemporary discussion about the relations between Literature and Science proposes new paths of reflection and opens renewed possibilities of research, since the criticism to the scientific realism allows the demystification of differences and distinctions considered as assured and situates the scientific knowledge as historically conditioned. Furthermore, approaches and differentiations between Science and Literature enable us to comprehend how both areas relate to questions of society in different historical moments and, sometimes, take part in the same projects, even if in a distinct way. Undoubtedly, the discussion that has been realized by scholars in Literature, History and Philosophy allows us to understand that this kind of approach represents an important access to sociocultural issues of the time. In other words, since the relations between literature and science favor the understanding about the role that these fields play, we proposes to consider how this discussion can be a fruitful means for the study of the performance of 18<sup>th</sup> century Luso-Brazilian poets, namely Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814). Thus, the poetic production will be the documental focus of the research that aims a theoretical reflection about the poetry as a mean to public understanding of the science in Brazil e Portugal. Accordingly, the Silva Alvarenga's literary production represents the first step of the research process. Anyway, the situation of enlightened ones who attributed relevance to scientific knowledge seen as a required passport to socioeconomic development, is implied in that discussion. According to the vision that the 18<sup>th</sup> century people had about the performance as poets as their relation with science, we need, however, to check the extent in which, when science aimed to detach itself from literature in Europe, the poetry, in the Luso-Brazilian context, was an ally of scientific development, in spite of the ambiguity of the convergence of discourses that seemed to go separate ways. In this sense, the necessity of disseminating modern science and certifying its relevance required a pedagogic attitude identified with poetic writing in a society that offered evident obstacles to its development.

**Key words:** Science; Literature; Enlightenment; Luso-Brazilian Writer; Eighteenth Century.

A reflexão do pensador francês Michel Serres, reconhecida entre teóricos contemporâneos, tem se notabilizado ao abordar a ciência, muitas vezes em tensão com a literatura, como o próprio filósofo afirma em entrevista concedida a Jean-Paul Dekiss e publicada em livro em 2003. Em suas considerações sobre o assunto, observa que Jules Verne, no século XIX, teria tentado «tornar a ciência cultural» enquanto nós «não conseguimos tornar cultural a ciência contemporânea» (Serres, 2007: 167 e 168). Esse afastamento, entre cultura e ciência, teria favorecido a um progressivo divórcio entre literatos e cientistas, de modo que, ainda na visão de Serres, seria necessário um terceiro homem, especializado e culto, representado em tempos idos por nomes como Decartes, Diderot e Voltaire, entre outros (Serres, 2007: 168).

A posição defendida pelo filósofo permite apontar para duas direções. Em primeiro lugar, teria havido uma condição anterior em que cultura e ciência não estavam apartadas (cujos exemplos remetem a figuras expressivas do século XVIII) e, em segundo lugar, a existência de uma situação contemporânea caracterizada pela radical dissociação entre letrados e cientistas. Esta perspectiva, obrigatoriamente, remonta à polêmica conferência de Charles P. Snow «A Palestra Rede, 1959», proferida em Cambridge como resultado da ampliação de texto publicado em 1956 na revista *New Statesman* com o título «As duas culturas». Na condição de escritor e físico, como faz questão de se apresentar, Snow defende que cientistas são ignorantes em relação à «cultura» enquanto os literatos são ignorantes a respeito da ciência (Snow, 1995).

Compreende-se que há implicações no emprego do termo cultura tal como o faz Snow ou ainda Serres e que uma discussão sobre o significado atribuído ao conceito é necessária. Nos debates realizados por diferentes autores a respeito das relações entre literatura e ciência, tem sido relativamente recorrente a referência à cultura. Nas contendas que se seguiram à conferência em Cambridge, o termo foi criticado ao mesmo tempo em que foi retomado em trabalhos que buscaram desenvolver a discussão sobre o assunto. Isso é reconhecido pelo próprio Snow quando, no que chama de uma «segunda leitura», numa tentativa de resposta às críticas que recebera, afirma: «Desde o princípio, a frase “as duas culturas” provocou alguns protestos. Levantaram objeções à

palavra “cultura” ou “culturas”; e, com muito mais substância, objetou-se ao número dois» (1995: 85). Na defesa do emprego que faz da palavra cultura, indica dois sentidos que considera aplicáveis ao tema. O primeiro corresponderia à definição disponibilizada pelo dicionário, segundo a qual, tratar-se-ia de «desenvolvimento intelectual». Ou de um modo, que designa como mais refinado, seria uma reflexão derivada de Coleridge (Snow, 1995: 86):

Coleridge disse *cultivation* (cultivo) onde diríamos *culture* (cultura); e o definiu como “o desenvolvimento harmônico das qualidades e faculdades que caracterizam a nossa humanidade”. Bem, nenhum de nós consegue lidar com isso; a verdade clara é que qualquer das nossas culturas, seja ela literária ou científica, merece apenas o nome de subcultura. “*Qualidades e faculdades que caracterizam a nossa humanidade*”.

Na explicação de Snow, é ratificada a dualidade antes sugerida, uma vez que literatura e ciência, ao não apresentarem um desenvolvimento harmônico, cumpririam apenas parcialmente os aspectos inerentes à definição de cultura. Daí serem subculturas, como afirma. O segundo sentido é designado como «antropológico» e, portanto, estaria relacionado a «um grupo de pessoas que vivem no mesmo ambiente, ligadas por hábitos comuns, postulados comuns e um modo de vida comum» (Snow, 1995: 88). Ao assumir esse viés, Snow sustenta a polaridade entre literatos e cientistas, uma vez que «existem como culturas dentro da esfera de ação da antropologia» (1995: 88). A proposta conceitual apresentada, que implica lidar com o conceito de cultura em dupla chave, bem como a forma como esses conceitos são compreendidos e incorporados à argumentação abrem uma série de questões. O caráter problemático do uso do conceito por Snow está expresso na observação de críticos ao seu trabalho. George Levine, por sua vez, chama a atenção para a multiplicidade de significados que os termos literatura, ciência e cultura implicam. Termina por considerar «culture at large»,<sup>1</sup> ou seja,

1 «cultura em geral».

«intelectual, moral, aesthetic, social, economic and political communities»<sup>2</sup> (Levine, 1987: 6).

Por outro lado, embora se reconheça a necessidade de reflexão mais detida sobre como esses conceitos aparecem empregados por autores que tratam da questão, no presente artigo, pretende-se apenas apresentar, em linhas gerais, um percurso sobre os debates acerca das relações entre literatura e ciência a partir da polêmica gerada pela publicação de Charles P. Snow. Essa abordagem visa, fundamentalmente, a colocar em discussão como essas relações têm despertado o interesse de teóricos contemporâneos e que aspectos têm sido levantados em seus trabalhos. Reconhecer a relevância desse debate significa, de certo modo, propor seu aprofundamento e, conseqüentemente, desenvolver abordagens que possam contribuir para novos caminhos de reflexão.

Após reação, em 1962, marcada pela virulência da contestação do crítico literário F. R. Lewis ao texto de Charles P. Snow, em ensaio de 1965, intitulado «One culture and the new sensibility»,<sup>3</sup> Susan Sontag retoma a conferência para questionar a visão defendida pelo físico inglês. A ensaísta nota que a discussão proposta pelo cientista já vinha sendo feita anteriormente e que a dissociação referida relacionava-se a uma histórica antipatia, por parte tanto de artistas quanto de literatos, quanto às mudanças que caracterizam a industrialização e seus efeitos. Acrescenta que são equivocadas ideias difundidas segundo as quais a ciência e a tecnologia estão em constante processo de transformação enquanto as artes permanecem estáticas. Igualmente, deve-se duvidar da premissa de que a especialização seria exclusividade do pensamento científico. Nesse sentido, a autora busca desfazer a compreensão de que haveria duas culturas efetivamente separadas por um abismo. Para Sontag, Snow teria desconsiderado a nova sensibilidade em formação, expressa, sobretudo, nas experiências da arte contemporânea (Sontag, 1996).

Em 1987, George Levine publica «One culture: Essays in Science and Literature»,<sup>4</sup> uma coletânea de artigos editada pela Universidade

2 «comunidades intelectuais, morais, estéticas, sociais, econômicas e políticas».

3 «Uma cultura e a nova sensibilidade».

4 «Uma cultura: ensaios sobre ciência e literatura».

de Wisconsin. No texto de introdução ao volume, em clara alusão à já citada publicação de Snow, questiona os termos colocados pelo autor inglês e ressalta a sua superação. O teórico, por outro lado, afirma que o título dado ao livro –«uma cultura»– não significa a unificação entre ciência e literatura, antes postula que uma e outra sejam abordadas como discursos derivados de fontes culturais comuns (Levine, 1987: 4). Por esse viés, Levine afirma ser preciso pensar, a partir da possível convergência entre os discursos, *como* e *por que* esse processo se deu. A abordagem proposta busca afastar-se de um esquema de verificação de «influências». Desse modo, não se quer simplesmente identificar confluências, mas investigar como elas ocorrem e seus significados, a fim de que «[...] literature and science can fruitfully be studied as parts of the same cultural field [...]»<sup>5</sup> (Levine, 1987: 4). Em outras palavras, é possível afirmar que a discussão de George Levine aponta para uma reflexão sobre afastamentos e aproximações, colocando em pauta como esses processos se dão e como permitem apresentar diferentes campos como participantes de uma mesma cultura. Se a importância desse debate se vincula ao movimento de definição das áreas referidas, o encaminhamento proposto possibilita, ainda na perspectiva de Levine, refletir sobre a maneira como as culturas e as sociedades se encontram em constante formação. Interessa notar que o viés adotado permite avançar em relação a abordagens centradas em lugares-comuns, visto que, quando se propõe discutir a relação literatura-ciência, com frequência, acredita-se tratar do estudo da ficção científica ou do naturalismo ou, simplesmente, da determinação da influência da ciência sobre a criação literária. Ainda que essas sejam possibilidades a serem efetivamente consideradas, a complexidade do tema atinge outras esferas. Por isso, como lembra Levine, é preciso levar em conta que: «[...] science and literature reflect each other because they draw mutually on one culture, from the same sources, and they work out in different languages the same project»<sup>6</sup> (1987: 7).

---

5 «literatura e ciência possam ser proveitosamente estudadas como parte do mesmo campo cultural».

6 «ciência e literatura refletem-se porque se valem mutuamente de uma cultura, a partir das mesmas fontes, e realizam em diferentes linguagens o mesmo projeto».

Diante disso, parece oportuno indagar em que medida a discussão contemporânea que coloca em xeque visões estabelecidas a respeito da ciência favorece a apreciação sobre a forma como esta tem se situado historicamente em relação à literatura. Do mesmo modo, isso permite compreender o lugar dado ao literário. Em suma, debates recentes acenam para a pertinência de se refletir sobre possíveis relações entre ciência e literatura. As discussões desenvolvidas por filósofos e historiadores têm questionado a autonomia que se atribuiu à ciência moderna assim como têm considerado as implicações na sua consolidação como campo de conhecimento e no prestígio que alcançou. O questionamento da autoridade científica, em especial no que diz respeito a princípios como a neutralidade e a objetividade, que lhe seriam inerentes, afeta a forma como se compreendem, inclusive em perspectiva histórica, as conexões entre a esfera literária e a ciência. Por esse ponto de vista, deduz-se que um estudo assim orientado asseguraria, ao investigar os espaços e papéis assumidos por literatos e cientistas, um melhor entendimento do contexto sociocultural em que se efetivam aproximações e distanciamentos.

Uma contribuição importante nesse sentido é o trabalho de Wolf Lepenies de 1985, publicado no Brasil sob o título *As Três Culturas*. Não é difícil supor pela indicação do título que mais uma vez se propõe uma alusão à polêmica gerada por Charles P. Snow. A discussão, contudo, que Lepenies desenvolve diz respeito à formação das ciências sociais como campo de conhecimento autônomo, daí a referência a uma terceira cultura. O autor entende que as ciências sociais se formam em um movimento de disputa com a literatura pela primazia em «fornecer a orientação-chave da civilização moderna», ao mesmo tempo em que esboçam uma aproximação com a orientação cientificista das ciências naturais (Lepenies, 1996: 11). A discussão de Lepenies é esclarecedora sobre como se processam as relações entre esses campos. Em seu trabalho, considera que, no século XVIII, está em andamento a superação do amadorismo na ciência sem se tenham, contudo, sido estabelecidas a profissionalização e a especialização propriamente ditas. Ainda sobre o Setecentos observa: «No final do século XVIII não é, portanto, possível uma separação nítida entre o modo de produção literária e o da obra científica» (Lepenies, 1996: 12). A fim de esclarecer sua afirmação,

apresenta Buffon como exemplo, visto que, como homem da ciência, obteve reconhecimento por seu estilo na escrita quando a forma de escrever sobrepunha-se em importância àquilo que se escrevia, mesmo enquanto cientista: «Era considerado natural que um homem da ciência natural se concebesse como escritor: como alguém para quem não importa somente *o que* diz, mas também *como* diz, como alguém que não somente quer instruir seu público, mas divertir instruindo» (Lepenies, 1996: 13). Contudo, o que fora responsável por seu reconhecimento, progressivamente se tornou razão para que se duvidasse de sua capacidade como cientista, isso porque *o que* se diz ganhou relevância sobre o *como*. Por conta disso, toma curso a cisão entre divertir e instruir, enquanto reflexo da crescente especialização do discurso científico.

Todavia, o processo pelo qual vão se diferenciando literatura e ciência não acontece de forma linear no tempo, além disso, está sujeito às particularidades nacionais como indica Lepenies ao discutir a formação da sociologia na França, Inglaterra e Alemanha (Lepenies, 1996). John Neubauer, em seu artigo «Reflections on the ‘convergence’ between Literature and Science»,<sup>7</sup> de 2003, considera que a grande contribuição para reconceitualizações metodológicas que afetaram os dois campos, individual e conjuntamente, veio de Thomas Kuhn, com *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962), e Michel Foucault, com *As Palavras e as Coisas* (1968). Ainda que não tenham tratado especificamente das relações entre literatura e ciência, suas formulações foram decisivas para uma nova reflexão sobre o assunto. Ressalta, então, que «scholars of the scientific process now give more recognition to the role of conventions, institutions, and irrational psychological motivations in individual scientists (Paul Feyerabend, Evelyn Fox-Keller, Bruno Latour)»<sup>8</sup> (Neubauer, 2003: 741-742). As mudanças incluíram, ainda: «another line of research studies the language of scientific texts»<sup>9</sup> (Neubauer, 2003: 742). Assim, estudos mais recentes têm discutido como formas narrativas e dispositivos retóricos encontram-se presentes

7 «Reflexões sobre a ‘convergência’ entre literatura e ciência.»

8 «Estudiosos do processo científico agora reconhecem mais o papel das convenções, instituições e motivações psicológicas irracionais em cientistas individuais (Paul Feyerabend, Evelyn Fox-Keller, Bruno Latour)».

9 «Outra linha de pesquisas sobre a linguagem dos textos científicos».



nos textos científicos antes caracterizados como essencialmente denotativos e transparentes, o que fere visões hierarquicamente construídas, segundo as quais a verdade científica se impunha ao discurso literário. Desautoriza-se, portanto, a conduta pautada no estabelecimento de influências em que a perspectiva, muitas vezes unívoca, supunha afetar-se, fundamentalmente, a literatura. Conclui, então, Neubauer que: «[...] the present focus on the role of literary and rhetorical devices in scientific discourse turned studies of ‘Literature and Science’ into a two-way traffic»<sup>10</sup> (2003: 742). Assumindo essa posição, o autor cita a discussão de Wolf Lepenies, quando este atribui à literatura função de memória, ou seja, ideias científicas descartadas ou ultrapassadas hibernariam na literatura, de modo que pudessem ser reativadas em discussões científicas de momentos posteriores. Conduz, assim, o que chama de um estudo de caso, quando observa como o pensamento de Lucrécio é reativado (Neubauer, 2003: 746):

*De rerum natura* experienced a great revival when mechanistic and atomistic theories emerged in the new science of the seventeenth century (Gassendi, Newton, Descartes); it then lost popularity once didactic poems went out of fashion around 1800, but was revived when the atoms triumphed in nineteenth-century physics and chemistry.<sup>11</sup>

Na citação, está clara a função de memória aludida. Desse modo, o trabalho de Neubauer aponta para uma relação entre literatura e ciência em outros patamares, explorando a complexidade do assunto. É por esse caminho que se propõe desenvolver uma reflexão sobre o contexto luso-brasileiro, em especial o século XVIII.

---

10 «[...] o presente foco no papel dos dispositivos literários e retóricos no discurso científico tornou os estudos da ‘Literatura e Ciência’ num tráfego de mão dupla».

11 «*De rerum natura* experimentou um grande *revival* quando teorias mecanicistas e atomistas surgiram na nova ciência do século XVIII (Gassendi, Newton, Descartes), então perdeu popularidade, uma vez que os poemas didáticos saíram de moda em torno de 1800, mas foi revivido quando os átomos triunfaram na física e química do século XIX».

Ao discutir as vertentes historiográficas da ciência no Brasil, a historiadora Moema Rezende Vergara, no artigo «Ciência e modernidade no Brasil», de 2004, observa que a herança colonial assim como a origem portuguesa foram entendidas como fatores do atraso nacional pelos intelectuais brasileiros da geração de 1870. Teria partido daí a compreensão, que perdurou na história da ciência feita no século XX, de que não teria havido ciência no período colonial. O elemento luso foi recalçado, de forma que luso-brasileiros eram designados tão-somente como brasileiros, ao mesmo tempo em que a ilustração portuguesa foi desconsiderada, num processo que a autora chama de «purificação da memória» (Vergara, 2004). A historiadora considera que Fernando de Azevedo, enquanto importante intelectual brasileiro do século XX, teria tido seu pensamento formado a partir das ideias do final do Oitocentos. Em sua obra *A Cultura Brasileira*, cuja primeira edição data de 1942, Azevedo critica duramente a educação jesuítica. Atribui-lhe o modelo de formação intelectual que teria vigorado no Brasil e afetado o desenvolvimento do conhecimento técnico-científico. Em relação aos filhos da elite colonial, afirma (Azevedo, 1996: 274):

No entanto, a formação intelectual que recebiam, eminentemente literária, orientada não para a técnica e a ação, mas para o cuidado da forma, adestramento na eloquência e o exercício das funções dialéticas do espírito, não podia fazer desses mestres em artes e licenciados senão letrados, imitadores e eruditos, cujo maior prazer intelectual consistia no contato com os velhos autores latinos. Força de conservação antes do que instrumento de libertação do espírito, esse ensino de classe, dogmático e retórico, que modelava todos pelo mesmo padrão de cultura, fundia as minorias ralas de letrados, que flutuavam, estranhas e superpostas ao meio social, como uma elite intelectual de importação.

Em linhas gerais, no passado da colônia, estaria a origem de comportamentos que teriam favorecido o atraso das ciências no Brasil. A compreensão de que a formação literária e retórica teria permanecido como danoso legado está declarada quando o autor relaciona a formação

que considera livresca ao embotamento de uma forma de pensamento e procedimentos necessários à ciência moderna. Isso porque se dispunha de um ensino «[...] que se manteve satélite da cultura europeia, no seu caráter universalista e teórico, e raramente soube transformar-se pela crítica, observação e experimentação, ainda quando orientado para a aprendizagem prática [...]» (Azevedo, 1996: 288). Assinala, então, Azevedo que se teria constituído, assim, uma tendência intelectualista e literária que perdurou por mais de três séculos ou ainda: «A cultura, tributária da religião, passou por essa forma a ser tributária das profissões liberais, sem se despojar do seu velho conteúdo humanístico e eclesiástico, ao menos até a segunda metade do século XIX [...]» (Azevedo, 1996: 278).

Uma mudança na forma como têm sido avaliados o papel e o legado da educação a partir de suas origens coloniais no Brasil associa-se à consideração da importância, antes recalcada entre intelectuais brasileiros, da Ilustração Portuguesa. Daí a relevância do artigo de Maria Odila Dias, «Aspectos da Ilustração no Brasil», publicado na revista do IHGB em 1968, pois abriu caminho para a revisão desse posicionamento (Vergara, 2004: 27). Essa reorientação significou, portanto, o estabelecimento de novas perspectivas frente aos estudos sobre história da ciência no Brasil. A questão das vertentes historiográficas, no que diz respeito ao estudo do período colonial, está de certa forma indicada no livro *Prelúdio para uma História: Ciência e Tecnologia no Brasil*, de 2003, organizado por Shozo Motoyama. Em capítulo intitulado «Período colonial: o cruzeiro do sul na terra do pau-brasil», o historiador observa: «É opinião corrente que não tem sentido falar em Ciência e Tecnologia (C&T) no Brasil na época colonial. Aparentemente, nada se fez de importante no campo de atividades científicas e técnicas em nossas terras, sobretudo no início desse período. Mas seria verdade?» (Motoyama, 2004: 61). A essa indagação que introduz o texto, responde o autor com afirmações que contradizem as concepções correntes, como a que diz respeito às acusações feitas aos jesuítas: «Ademais, a contribuição jesuítica não se restringiu ao campo da história natural e da etnologia. Igualmente, aventurou-se em áreas físicas e astronômicas, obtendo bons resultados» (Motoyama, 2004: 99). Sem desprezar as contradições e problemáticas envolvidas na produção de conhecimento

durante o processo de colonização portuguesa na América, Motoyama aponta para a necessidade de revisar premissas difundidas acerca da história da ciência no Brasil e, quando se trata do Setecentos, acrescenta (Motoyama, 2004: 113):

[...] os doutores conimbricenses naturais do Brasil, muitos deles mineiros, aprendizes de Domingos Vandelli (1735-1816) –renovador do ensino e da pesquisa científica na Universidade de Coimbra reformada–, intentavam introduzir uma cultura científica em seu país de origem. Dessa forma, muitos jovens talentosos dedicaram-se à investigação, sobretudo, da história natural e de áreas correlatas.

Nesse ponto, convergem as duas linhas de argumentação desenvolvidas até aqui: de um lado, a atualidade de discussões sobre as relações estabelecidas entre literatura e ciência; de outro, a consideração da complexidade da situação das ciências no período colonial. Em outras palavras, ao se reconsiderar a existência da ciência no século XVIII em Portugal e seus domínios, torna-se pertinente investigar que lugar se conferiu à poesia frente ao progressivo prestígio do conhecimento científico entre ilustrados luso-brasileiros. Essa questão, contudo, não tem ocupado muito espaço na crítica sobre a literatura do período.

Diante disso, a discussão teórica contemporânea representa uma contribuição ao colocar em questão:

1. a pertinência do debate sobre as relações entre ciência e literatura, o qual possibilita acessar o contexto sociocultural em que uma e outra se estabelecem;
2. a crítica ao realismo científico que possibilita a desmistificação de diferenças e distinções tomadas como certas e coloca o conhecimento científico como historicamente condicionado;
3. as aproximações e diferenciações estabelecidas entre ciência e literatura possibilitam compreender como uma e outra se relacionam às questões da sociedade em diferentes momentos históricos e, por ve-

zes, participam dos mesmos projetos, ainda que de maneira distinta.

A discussão teórica apresentada oferece, assim, formas adicionais de abordagem e reflexão acerca da produção literária de luso-brasileiros setecentistas. Nessa perspectiva, soa bastante limitado e empobrecedor abordar um poeta como Manuel da Silva Alvarenga (1749-1814) sem compreender as relações que erige com o que entende por ciência e o que seria a ciência em sua época em Portugal e na América Portuguesa.

O caso de Silva Alvarenga desperta interesse na medida em que sua trajetória explicita as ambiguidades próprias da condição do ilustrado nascido na América Portuguesa ao mesmo tempo em que representa a prática da poesia integrada à promoção de avanços no campo científico. Nascido em Vila Rica em 1749, mestiço, de origem humilde, filho do músico Inácio da Silva e de Felipa Lopes da Fonseca, segue nos estudos, provavelmente graças à ajuda de amigos, passando pelo Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, em Mariana, fundado para atender à elite mineira dos meados do século XVIII, e onde se matricula em 1766 para estudar lógica (*Autos da Devassa*, 2002: 193; Silva, 2005: 55-57; Morato, 2005: XVIII-XIX; Tuna, 2009: 28-29).<sup>12</sup> O objetivo, em última instância, seria o ingresso no curso de Cânones da Universidade de Coimbra. Autores como Joaquim Norberto e Fernando Morato registram o ingresso na Universidade em 1771; Gustavo Tuna, contudo, relata que a entrada nos estudos superiores teria acontecido em 1768, conforme consta no livro de matrículas de Coimbra e na carta de curso do poeta (Tuna, 2009: 32):

Como previsto pelos Estatutos de 1653, Silva Alvarenga ingressou em Coimbra matriculando-se primeiramente em Instituta, em 1768, como está registrado no livro de matrículas da Universidade. A carta de curso registra que o estudante mineiro «provou cursar» a referida disciplina entre 1.º de outubro de 1768 até o fim de maio de 1769.

---

12 Nos *Autos da Devassa*, Silva Alvarenga declara ser o nome de seu pai Inácio da Silva, embora Joaquim Norberto registre Inácio da Silva Alvarenga. Já a passagem pelo Seminário da Boa Morte encontra-se indicada na tese de doutoramento de Gustavo Tuna.

Escreveu poemas como «À mocidade portuguesa», que, segundo estudo de Francisco Topa, embora tivesse sido publicado pela primeira vez apenas em 1782, dataria de uma década antes, ou seja, quando o poeta ainda estava em Coimbra (Topa, 1997: 346). Nessa ode, aponta-se para a necessidade de uma reorientação da juventude, uma vez que se parte da premissa de que predominariam, entre os estudantes, atitudes viciosas: «A fastosa indolência,/ Tarda preguiça, e mole ociosidade,/ Tiveste por ciência,/ Infeliz lusitana mocidade» (Alvarenga, 2005: 59). A preocupação com aspectos relativos ao estudo e à formação educacional está também em obras como «O desertor», poema herói-cômico de 1774, em que a adesão às reformas educacionais do período pombalino aparece associada a uma atitude pedagógica voltada, sobretudo, para o comportamento discente. Na sátira, acompanha-se a trajetória do jovem Gonçalo que, seduzido pela Ignorância, abandona os estudos na Universidade. Nos versos, o elogio ao Marquês de Pombal —o «invicto Marquês»— e a figuras como o reitor Francisco de Lemos —«Prelado formidável»— articula-se à condenação da indolência estudantil, exigindo dos estudantes atitude afinada ao espírito reformista. Em edição crítica de 2003 de «O desertor», Ronald Polito observa os usos da sátira e encômio verificáveis no poema de Alvarenga bem como a aproximação com «o pombalismo entendido como índice de modernização das instituições e da cultura» (2003: 33). O herói-cômico surge assim na convergência entre a atuação do ilustrado luso-brasileiro nas esferas políticas vigentes e o exercício da poesia, tendo em vista que a posição favorável a medidas educacionais e econômicas do período josefino revela-se em uma escrita comprometida com a instrução.

A experiência como estudante em Coimbra associa-se, por conseguinte, à adesão a diretrizes da reforma da Universidade, em especial no que diz respeito à relevância atribuída ao desenvolvimento científico, sem o qual seriam improváveis progressos de ordem econômica. O incentivo a novas atitudes atrela-se à defesa de mudanças educacionais que favoreceriam o conhecimento das ciências: «O sentido educativo que assume o poema vem aliado, contudo, a princípios de desenvolvimento científico caros aos ilustrados» (Daflon, 2011: 60). Em seu poema satírico, portanto, assumir essa posição implicaria a atitude pedagógica

que buscava atingir os estudantes com a finalidade não apenas de convencê-los da pertinência da reforma, mas de torná-los ilustrados comprometidos com o progresso.

Silva Alvarenga retorna à América Portuguesa em 1774. O seu estabelecimento na cidade do Rio de Janeiro aparece associado à sua nomeação como professor régio de Poética e Retórica em 1782 (Tuna, 2009: 76). Reconhecido como poeta, professor e advogado, em 1786 participa da fundação da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, sob a proteção do Vice-Rei D. Luís de Vasconcelos. Como ainda afirma Alvarenga quando interrogado no processo da devassa, as atividades da Sociedade teriam esmorecidos após a saída de Vasconcelos e foram restabelecidas temporariamente com a chegada do novo Vice-Rei o Conde de Resende (*Autos da Devassa*, 2002: 194). Sua participação ativa nesse espaço de sociabilidade lhe renderá o dissabor da prisão em 1794 decorrente de uma devassa que se justificou nos seguintes termos (*Autos da Devassa*, 2002: 69):

A que mandou proceder o Ilustríssimo e Excelentíssimo Vice-Rei do Estado do Brasil para se descobrirem por ela as pessoas que, com escandalosa liberdade, se atreviam a envolver em seus discursos matérias ofensivas da religião e a falar nos negócios públicos da Europa com louvor e aprovação do sistema atual da França, e para conhecer-se se entre as mesmas pessoas havia alguns que, além dos ditos escandalosos discursos, se adiantassem a formar ou insinuar algum plano de sedição.

A Sociedade corresponderia a um ambiente ilustrado e, como tal, favoreceria a costura entre discussões de teor político e aquelas atinentes aos estudos científicos. Se ideias iluministas soavam ameaçadoras no contexto colonial, é notável a função assumida por esse tipo de agremiação tanto no que diz respeito à sua repercussão ao se constituir como «um campo de dinamismo e transformação científica e cultural» quanto por encerrar uma concepção de ciência que participa da «política pombalina de reformas efetivadas a partir da década de 1750» (Kury,

Munteal Filho, 1995: 106). Ainda em seu estudo sobre cultura científica e sociabilidade intelectual na Sociedade Literária do Rio de Janeiro, Lorelai Kury e Oswaldo Munteal filho assinalam a importância do poeta originário da capitania de Minas Gerais: «Silva Alvarenga foi a alma da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, além de ter sido mestre de muitos de seus membros» (1995: 114).

A inter-relação da atividade de poeta com aquelas decorrentes de sua atuação como ilustrado encontra-se expressa, por exemplo, na apresentação do poema «Às Artes», recitado no ambiente da Sociedade Literária, em 1788, em homenagem ao aniversário de D. Maria I. Nos versos, o desfile das Artes (que inclui a Matemática, a Física Experimental, a História, entre outras áreas de conhecimento, e termina com a Poesia) caracteriza-se pelo louvor às ciências e define o lugar conferido à arte poética. Desse modo, são heróis os cientistas que pereceram em seus ofícios ao mesmo tempo em que cabe à poesia a memória dos feitos: «Mas que ilustre Matrona entre as mais vejo / De verdes louros coroadada a frente? Tem nas mãos plectro ebúrneo e lira d'ouro, / Que celebra os Heróis e que eterniza / no templo da Memória o Nome e a Fama / Dos ínclitos Monarcas» (Alvarenga, 2005: 121). Celebrar e eternizar, ou ainda, difundir e registrar. A Matemática e a Poesia, enquanto matronas, efetivariam a relação entre conhecimento e lírica, numa aliança urdida pela feição política dos versos revelada tanto pelo contexto de exposição –a Sociedade Literária– quanto na dedicatória à rainha. A atitude pedagógica indicada no poema perpassa, contudo, a obra de Silva Alvarenga, manifestando-se inclusive em versos de teor encomiástico. Assim como a sátira, o encômio participa do entendimento da poesia como deleite e utilidade, pois o louvor dedicado a figuras públicas como o Rei D. José I e o próprio Marquês de Pombal representa a defesa das políticas por eles representadas, a exemplo das mudanças educacionais relacionadas à promoção das ciências.

Silva Alvarenga, entretanto, amarga o confinamento até 1797, quando é libertado por não haver evidências suficientes de sedição. A publicação de *Glaura*: poemas eróticos de um americano, de um modo geral, apontada como seu melhor trabalho pela crítica que lhe é dedicada, ocorre após sua libertação, em 1799. Vem a falecer em 1814 e deixa



como legado uma biblioteca particular importante que contava com pelo menos 1500 volumes (Morato, 2005: LVIII). De todo modo, destaca-se como, na trajetória do poeta luso-brasileiro, a poesia esteve consideravelmente, integrada à atuação como educador e defensor do progresso alcançável apenas com o desenvolvimento da ciência moderna. Dessa forma, ainda que se assuma que o pensador do século XVIII estaria muito mais próximo do realismo científico e ali estão se constituindo as suas bases, importa, no ponto de vista adotado para a discussão do período, a compreensão de que há condicionamentos históricos a que se deve submeter a verdade científica. Nesse sentido, deve-se trabalhar na tensão que se institui entre a compreensão do pensamento do homem setecentista, sem o que se incorreria em grosseiro anacronismo, e uma abordagem pautada em uma discussão contemporânea sobre o tema. Não se pode esquecer de que é precisamente a discussão que tem sido feita na atualidade que enseja a iniciativa de estudar as relações entre literatura e ciência entre luso-brasileiros do século XVIII. Ou ainda como afirma Michel Serres: «A vida presente faz viver a de ontem, não o contrário» (2007: 158). Sem dúvida, o debate que vem sendo realizado por estudiosos da literatura, da ciência, da história e da filosofia permite compreender que tal abordagem representa um acesso importante às questões socioculturais da época. Por essa vereda, as relações entre literatura e ciência alimentariam o entendimento sobre o papel que uma e outra vão assumindo na América Portuguesa e em Portugal.

Se, em um primeiro momento, o caráter instrutivo do discurso da ciência não aparecia dissociado ao divertir, como se apontou no caso de Buffon, essa indissociabilidade também se dava no ofício do escritor, na medida em que ao poeta caberia igualmente instruir e deleitar. O processo de especialização e a crescente autonomia da ciência significou também a cisão entre o deleite e a instrução, o que se faz sentir na especificidade progressiva do discurso científico, de um lado, e no afastamento da poesia «didática» praticada no século XVIII. A instrução, contudo, no contexto luso-brasileiro setecentista, está vinculada concomitantemente ao conhecimento científico e ao fortalecimento do Estado português, uma vez que o desenvolvimento da ciência está atrelado a questões políticas e econômicas na medida em que se assume ser função do Estado

promover o progresso. Isso fica especialmente claro nas reformas educacionais ocupadas na formação de homens públicos, como esclarece Ana Rosa Cloquet da Silva (2003: 26):

Neste sentido, o homem público projetado pelas reformas pombalinas do ensino revelava-se o *homem das Luzes passíveis de serem incorporadas* no Portugal setecentista. Ou seja, aquelas que, fecundando o sentido pragmático do *saber* – trazido na essência da proposta Iluminista – viabilizassem a formação de indivíduos *tecnicamente* habilitados para uma atuação prática, na solução de questões prementes, que fizessem da *ciência* e da *ética* nas quais eram versados, aliados incontestáveis na execução de reformas comprometidas, em todos os níveis, com a preservação do regime político e da ordem social vigentes.

Numa relação, porém, na qual *o que* dizer torna-se crescentemente mais importante que o *como*, observa-se igualmente a ascensão do prestígio da ciência sobre a literatura. A esta, contudo, caberia ainda uma função instrutiva, ao passo que se recalca a diversão no âmbito do conhecimento. Nesse sentido, em certa medida, a literatura constituiu-se enquanto espaço de divulgação científica. Para uma apreciação desse aspecto, todavia, é necessário compreender a articulação da produção literária com os espaços de sociabilidade, já que agremiações intelectuais representavam ambientes em que se propunha a difusão do conhecimento com vistas à sua desejável universalização. Bibliotecas, academias e museus exemplificam formas de organização, sistematização e, conseqüentemente, de disseminação do saber. A respeito disso, Jonathan Israel, professor da School of Historical Studies em Princeton, assinala o progressivo estabelecimento, na Europa iluminista, de uma esfera pública de debate, com troca de ideias e formação de opinião, que incluía desde enciclopédias, bibliotecas até cafés em conjunto com a crescente circulação de jornais (2009: 91-92). A divulgação científica parece instituir-se, assim, a partir dessas esferas que se desenvolveram desde o século XVII, mas, no caso da América Portuguesa, o veto à publicação pode ter sido um fator importante para o papel dado às sociedades.

Autores como Ildeu Moreira e Luísa Massarini, ao discutirem a divulgação científica no Brasil, enfatizam, porém, a importância do funcionamento da Imprensa Régia a partir de 1810, pois: «textos e manuais voltados para a educação científica, embora em número reduzido, começaram a ser publicados ou, pelo menos, difundidos no país» (2002: 45). Sob esse aspecto, quanto ao conteúdo das publicações de *O Patriota*, periódico que circulou entre 1813 e 1814, os autores observam que «vieram à luz vários artigos de cunho científico ou divulgativo, alguns dos quais remanescentes de textos apresentados à antiga Sociedade Literária. Silva Alvarenga publicou nele vários poemas nos quais abordava temas ligados à ciência» (Moreira; Massarini, 2002: 45). Ao apontarem, de um lado, a publicação da poesia de Alvarenga junto a textos «científicos» ou «divulgativos» e, de outro, a reprodução de poemas já apresentados em encontros da academia (caso de «Às artes», no número 6 do jornal, em 1813),<sup>13</sup> os pesquisadores expõem o valor de divulgação científica que, em algum grau, teria sido alcançado por determinada produção literária da época. Além disso, é relevante a presença de poemas do autor de *Glaura* em um periódico que «foi o primeiro jornal brasileiro a publicar artigos densos e analíticos sobre ciências e artes, cultura e letras» e que pretendia «formar leitores, agricultores, homens de ciência, escritores» (Kury, 2007: 9 e 10).

Todavia, a difusão ou promoção, via versos, do conhecimento científico operava-se no final do Setecentos tanto em reuniões de letrados quanto em publicações aprovadas pelo Estado português, particularmente quando representavam apoio às políticas implementadas e às medidas destinadas ao desenvolvimento das ciências. O alcance desses espaços de sociabilidade merece maior investigação, como sugerem em afirmações como a de Gustavo Tuna (2009: 225):

A publicação do livro de Vicente Coelho Seabra, *Elementos de Chímica*, dedicado à Sociedade Literária do Rio de Janeiro, sugere que a

---

13 Nas edições de *O Patriota*, foram localizados os seguintes poemas de autoria de Silva Alvarenga: «Apotheosis poetica» [a Luiz de Vasconcelos] (n.º 2, 1813), «No dia da inauguração da estátua equestre de D. José» (n.º 3, 1813), e, por fim, a sátira «Os vícios» (n.º 4, 1813).

agremiação capitaneada por Silva Alvarenga, com os limites impostos pela colônia, fez parte de uma rede de intercâmbio científico que suplantava os limites da capitania do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, não se pode pensar separadamente a poesia de seus espaços de *publicização*, em especial se considerarmos a sua articulação com a promoção das ciências. Ainda nesse sentido, a atuação do letrado, à maneira de Silva Alvarenga, estaria de acordo com o pragmatismo da ilustração portuguesa. Por conseguinte, para abordar um autor como o poeta da Sociedade Literária, faz-se necessário, em primeiro lugar, buscar estabelecer a visão que o homem do século XVIII tinha sobre a atuação como poeta e a sua relação com a ciência. Para tanto, tendo em vista o caráter histórico da relação entre literatura e ciência, deve-se aferir em que medida, quando na Europa a ciência já buscava descolar-se da literatura, a poesia, no contexto luso-brasileiro, se constituía aliada do desenvolvimento científico, no que pese a ambiguidade da aproximação de discursos que pareciam se encaminhar para fins distintos. Nesse sentido, a condição de educador efetivamente catalisaria essa relação, afinal a necessidade de difundir a ciência e certificar sua relevância numa sociedade que oferecia evidentes obstáculos a seu desenvolvimento passaria, obrigatoriamente, por uma atitude pedagógica.

Diante disso, pretende-se, em vez de recalcar a complexidade implicada numa abordagem que considere as relações entre ciência e literatura, explorá-la. De maneira que, no processo de pesquisa, se busque apreender a estrutura reticular constituída por diversas linhas que seguem em diferentes direções, entrecruzando-se em mais de um ponto e mais de uma vez. Desse modo, tratar da poesia de um ilustrado e poeta setecentista luso-brasileiro como Manuel da Silva Alvarenga implica considerar as perspectivas que o atravessam. Para tanto, faz-se necessário seguir as diferentes linhas nas múltiplas direções que seguem: o entendimento do processo de formação das ciências modernas e o enfrentamento das particularidades do contexto luso-brasileiro; os caminhos dados à educação em Portugal e seus domínios; a reflexão sobre a Ilustração portuguesa em suas especificidades; e a tradição literária

que aponta os percursos assumidos pela poesia no século XVIII, o que obriga o estudo do verso tal como praticado, suas filiações e sua inserção em práticas consolidadas. Essas instâncias entrecruzadas nos oferecem a imagem reticular postulada. Nela, os pontos de contato entre os fios e a direção que tomam devem ser permanentemente levados em consideração. O conhecimento oferecido pelos estudos contemporâneos sobre literatura e ciência aponta para essa complexidade, desconstruindo modelos rígidos na abordagem da questão, como aqueles constituídos por fórmulas dedicadas à identificação de influências e ratificação de lugares de poder. A contribuição da filosofia da ciência é realmente importante nesse sentido, pois coloca sob suspeita a autoridade científica. Por outro lado, voltar-se para o literato do Setecentos com esse olhar significa avançar em relação aos debates sobre aspectos da poesia neoclássica e elementos da nacionalidade atinentes à América Portuguesa, ou seja, representa a possibilidade de colocar em cena outras questões implicadas na atuação dos homens das letras nesse período.

Por outro lado, embora a estrutura reticular proposta represente tanto a multidisciplinaridade e a descentralização derivada da multiplicação de pontos de cruzamento, o escopo do trabalho investigativo em andamento é produzir crítica literária. Em outras palavras, não se tem a pretensão de desenvolver uma pesquisa de história ou filosofia ou educação, por exemplo. Sem perder de vista o desafio de lidar com a complexidade do objeto tratado, propõe-se uma escritura organizadora, no caso, a do crítico de literatura. Todavia, é preciso estar ciente do risco de simplificação ou de reducionismo, muitas vezes, inevitável. Quanto a isso, é pertinente considerar a discussão metodológica realizada por Miriam Limoeiro Cardoso na introdução a seu trabalho sobre a ideologia do desenvolvimento no Brasil. Apoiada, entre outras referências, na contribuição de Gaston Bachelard, a autora apresenta o conhecimento como uma *aproximação*, o que se explicaria pelo entendimento do objeto de conhecimento enquanto formulação, construção distinta daquilo que seria o «objeto real». E, vale destacar, esse processo de construção seria inerente ao desenrolar da pesquisa. Ou seja, parte-se de um conhecimento que dirige o olhar do pesquisador e assegura-lhe a formulação de um objeto que, entretanto, termina por lhe impor novas realidades

e exigir renovadas reconstituições. Assim, o dinamismo impresso na pesquisa supõe uma permanente reformulação que pode terminar por subverter a teoria que impulsionara o projeto para lhe indicar diretrizes novas e diversas. E, sobretudo, o objeto de pesquisa se apresenta como algo não previamente dado em «estado natural» (como poderia fazer supor uma perspectiva positivista do pensamento), mas como uma construção, uma vez que «a estruturação do real como objeto, longe de ser um defeito, é o próprio meio pelo qual opera o conhecimento científico» (Cardoso, 1978: 35).

Logo, não se acredita ser possível a apreensão do objeto estudado em sua totalidade, mas isso não deve ser confundido com o recalque da complexidade que parte, entre outras coisas, do reconhecimento de sua natureza multifacetada.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras Poéticas: Poemas Líricos, Glaura, O Desertor*. Introd. e org. Fernando Morato. São Paulo. Martins Fontes, 2005.
- ALVERANGA, Manuel Inácio da Silva. *O Desertor: Poema-Herói Cômico*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003.
- Autos da devassa: Prisão dos Letrados do Rio de Janeiro, 1794*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2002.
- AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 6.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ; Brasília: Editora UnB, 1996.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. «Considerações metodológicas». *Ideologia do Desenvolvimento – Brasil*. JK – JQ. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978, pp. 25-38.
- DAFLON, Claudete. Uma pedagogia da escrita: intelectuais luso-brasileiros do século XVIII. *Matraga*, v. 18, n.º 29, jul./dez. 2011, pp. 52-71.
- ISRAEL, Jonathan I. *Iluminismo Radical: A Filosofia e a Construção da Modernidade 1650-1750*. Trad. Claudio Blanc. São Paulo. Madras, 2009.
- KURY, Lorelai Brilhante; Oswaldo MUNTEAL FILHO. Cultura científica e sociabilidade intelectual no Brasil setecentista: um estudo acerca da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. *Acervo*. Rio de Janeiro, v. 8, n.º 1-2, jan/dez 1995, pp. 105-122.
- KURY, Lorelai. Apresentação. L. KURY, (org.). *Iluminismo e Império no Brasil: O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2007, pp. 9-13
- LEPENIES, Wolf. *As Três Culturas*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo. EDUSP, 1996.
- LEVINE, George. One Culture: Science and Literature. George LEVINE (org.). *One Culture: Essays in Science and Literature*. Wisconsin: University of Wisconsin, 1987, pp. 3-34.

- MOREIRA, Ildeu; Luísa MASSARINI. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. I. MOREIRA; L. MASSARINI; F. BRITO. *Ciência e Público: Caminhos da Divulgação Científica no Brasil*. Rio de Janeiro. Casa da Ciência, 2002, pp. 43-64
- MORATO, Fernando. Introdução. Manuel Inácio da Silva ALVARENGA. *Obras Poéticas: Poemas Líricos, Glaura, O Desertor*. São Paulo. Martins Fontes, 2005, pp. XVII-LXII.
- MOTOYAMA, Shozo (org.). *Prelúdio para uma História: Ciência e Tecnologia no Brasil*. São Paulo. EDUSP, 2004.
- NEUBAUER, John. Reflections on the “Convergence” between Literature and Science. *MLN*, vol. 118, n.º 3, April 2003, pp. 740-754, (German Issue).
- POLITO, Ronald. Introdução. Manuel Inácio da Silva ALVARENGA. *O Desertor: Poema-Herói Cômico*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003, pp.15-55
- SERRES, Michel. *Júlio Verne: A Ciência e o Homem Contemporâneo. –Michel Serres: Diálogos com Jean-Paul Dekiss*. Trad. Mônica Cristina Corrêa. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.
- SILVA, Ana Rosa Cloclot da. *A Formação do homem-público no Portugal setecentista: 1750-1777. Intellectus*. Ano 02 Vol. II, 2003. Disponível em: < [www2.uerj.br/~intellectus](http://www2.uerj.br/~intellectus)>. Acesso em: maio 2010.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa Silva. Notícia sobre M. I. da Silva Alvarenga e suas obras. J. N. de S. S. SILVA, *Crítica Reunida: 1850-1892*. Porto Alegre. Nova Prova, 2005. pp.55-90.
- SNOW, Charles P. *As Duas Culturas e uma Segunda Leitura*. São Paulo. EDUSP, 1995.
- SONTAG, Susan. One Culture and the New Sensibility. *Against Interpretation, and Other Essays*. New York: Picador, 1996. pp. 293-304.
- TOPA, Francisco. Dois Estudos Sobre Silva Alvarenga. *Revista da Faculdade de Letras –Línguas e Literaturas*. II Série, vol. XIV, pp. 343-398, 1997.
- TUNA, Gustavo Henrique. *Silva Alvarenga, Representante das Luzes na América Portuguesa*. 2009. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História Social São Paulo.
- VERGARA, Moema de Rezende. Ciência e modernidade no Brasil: a constituição de duas vertentes historiográficas da ciência no século XX. *REVISTA DA SBHC*. Rio de Janeiro, v. 2, n.º 1, jan./ jun. 2004, pp. 22-31.

